

ENTREVISTA

Entrevista com a Professora Dra. Márcia de Souza Hobold:

“Formação continuada de professores da educação básica: investimento no processo de emancipação humana.”

Joana Paulin Romanowski¹
Maria Helena Damião²
Ilma Vieira do Nascimento³

RESUMO

A entrevista desse dossiê, que focaliza a “Formação continuada de professores da educação básica: investimento no processo de emancipação humana”, foi concedida pela professora doutora Márcia de Souza Hobold às organizadoras do dossiê Joana Paulin Romanowski (UNINTER, Brasil), Maria Helena Damião (FPCE-UC. Portugal) e Ilma Vieira do Nascimento (UFMA, Brasil) e realizada por Joana Paulin Romanowski. O dossiê focaliza a formação continuada por princípios de emancipação do trabalho do professor, no

¹ Doutora em Educação. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional (PPGENT-UNINTER). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia e Sociedade. Membro do Grupo de Pesquisa Práxis Educativa - Dimensões e Processos. Editora da Revista Intersaberes- UNINTER. Membro do Comitê Editorial da Revista Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação de Professores. Bolsista Produtividade CNPQ. Participa da Rede de Pesquisadores em Formação de Professores RIPEFOR como membro fundador; Red de Inducion a la Docência. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7043-5534>. E-mail: joana.romanowski@gmail.com

² Doutora em Ciências da Educação. Professora de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Membro integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS 20). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3324-4074>. E-mail: hdamiao@fpce.uc.pt

³ Doutora em Educação pela USP (Universidade de São Paulo). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE): mestrado acadêmico e doutorado da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); mestrado profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9764-9695>. E-mail: ilmavieira13@gmail.com

acolhimento da reflexão crítica para promover a profissionalização dos professores. Márcia de Souza Hobold é formada em Pedagogia e Psicologia, fez especialização em Psicopedagogia, tem mestrado e doutorado em Educação, e estágio de pós-doutoramento na PUCSP. É professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na disciplina de Didática nos cursos de licenciatura e na disciplina de Formação de Professores no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Foi professora da educação básica por dezenove anos, lecionando desde os anos iniciais do ensino fundamental até a atuação na coordenação pedagógica do ensino médio. É bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq – bolsa PQ. Tem uma atuação em pesquisa no campo de formação de professores, com participação em associações (ANPEd, ANFOPE, RIPEFOR) e grupos de pesquisa marcada por colaboração e voluntariado na coordenação e comitês científicos.

Palavras-chave: história de vida; pesquisa em formação de professores; formação continuada.

Interview with Professor Márcia De Souza Hobold: “Continuing training of basic education teachers: investment in the process of human emancipation”

ABSTRACT

The interview in this dossier, which focuses on “Continuing training of basic education teachers: investment in the process of human emancipation”, was granted by professor Márcia de Souza Hobold to the organizers of the dossier Joana Paulin Romanowski (UNINTER, Brazil), Maria Helena Damião (FPCE-UC. Portugal) and Ilma Vieira do Nascimento (UFMA, Brazil) and performed by Joana Paulin Romanowski. The dossier focuses on continuing education based on principles of emancipation from the teacher's work, welcoming critical reflection to promote the professionalization of teachers. Márcia de Souza Hobold undergraduated in Pedagogy and Psychology, specialized in Psychopedagogy, has a master's and doctorate in Education, and a post-doctoral internship at PUCSP. She is a professor

at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in the discipline of Didactics in undergraduate courses and in the discipline of Teacher Education in the Master's and Doctorate Program in Education at UFSC. She was a basic education teacher for nineteen years, teaching from the early years of elementary school to acting in the pedagogical coordination of high school. She is a CNPq Research Productivity – PQ. She has a research role in the field of teacher education, with participation in associations (ANPEd, ANFOPE, RIPEFOR) and research groups marked by collaboration and volunteering in coordination and scientific committees.

Keywords: history of life; research in teacher education; continuing education.

Entrevista con la Profesora Márcia de Souza Hobold: “La formación continua de los profesores de educación básica: inversión en el proceso de emancipación humana”

RESUMEN

La entrevista de este dossier, que se centra en “La formación continua de los profesores de educación básica: inversión en el proceso de emancipación humana”, fue concedida por la profesora Márcia de Souza Hobold a los organizadores del dossier Joana Paulin Romanowski (UNINTER, Brasil), Maria Helena Damião (FPCE-UC, Portugal) e Ilma Vieira do Nascimento (UFMA, Brasil) e interpretada por Joana Paulin Romanowski. El dossier se enfoca en la formación continua basada en principios de emancipación del trabajo docente, acogiendo la reflexión crítica para promover la profesionalización de los docentes. Márcia de Souza Hobold es licenciada en Pedagogía y Psicología, con especialidad en Psicopedagogía, tiene maestría y doctorado en Educación y una pasantía posdoctoral en la PUCSP. Es profesora de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) en la disciplina de Didáctica en cursos de graduación y en la disciplina de Formación de Profesores en el Programa de Posgrado en Educación de la UFSC. Fue maestra de educación básica durante diecinueve años, enseñando desde los primeros años de la escuela primaria hasta

actuando en la coordinación pedagógica de la escuela secundaria. Es Becario de Productividad en Investigación del CNPq – Beca PQ. Tiene una actividad investigadora en el campo de la formación del profesorado, con participación en asociaciones (ANPEd, ANFOPE, RIPEFOR) y grupos de investigación marcada por la colaboración y el voluntariado en los comités de coordinación y científicos.

Palabras clave: historia de vida; investigación en formación del profesorado; formación continua.

Entrevistadora: Começamos agradecendo à Márcia por sua generosidade em estar conosco neste dossiê, participando desta entrevista. Assim, considerando que estamos conversando sobre formação, começamos pedindo que nos conte um pouco como foi a sua trajetória acadêmica e profissional, quais foram as motivações e quais foram as escolhas que você fez dentro desta área da formação?

Márcia Hobold: Gostaria de iniciar com um bom dia aos colegas que não estão aqui presentes, que talvez assistam à gravação. Quero agradecer imensamente esse convite, pois sinto-me honrada e espero corresponder às expectativas. Agradeço o convite por ter vindo da Joana, que é uma amiga muito especial, com a qual temos parceira de longo tempo aqui na região sul, também Brasil afora. Agradeço a Lélia, Ilma e Maria Helena. Vou procurar manter esse roteiro que vocês encaminharam e acompanhar um documento que organizei para as respostas. Pensei sobre as três perguntas, bem elaboradas, neste roteiro que nos leva a buscar um pouco questões para retomar essa temática na vida da gente, como é que ela vai aparecendo e surgindo. Em relação à minha trajetória acadêmica, para ficar de forma mais didática, separei nesses dois eixos temáticos: i) a trajetória acadêmica; e ii) a trajetória profissional. Contudo, apesar de ter separado essas duas trajetórias, fica claro que elas são muito misturadas, não é? Uma vai chamando a outra, o campo profissional

vai chamando o campo acadêmico, porque há necessidade. Eu já vou até dizer o porquê.

Como professora da educação básica, que fui tantos anos, trabalhando e sentindo essa necessidade. Então, penso que a trajetória acadêmica veio muito para atender esses meus anseios, esses meus questionamentos. Eu cursei o magistério, acho que deixarei bem claro, que foi uma opção minha, na época, cursar o magistério. Nunca tive muitas dúvidas sobre o que gostaria de ser quando crescesse, pois aos seis anos de idade já dizia para todo mundo que queria ser professora. É que tive na vida algumas referências. Sempre temos, não é, Joana? Referências que constituem a nossa identidade profissional. Nasci em 1971, em uma década que, como sabemos, era ditadura militar, e o papel da mulher era bem diferenciado. Não somente questões sobre a submissão da mulher e a dificuldade para atuar profissionalmente, mas de compreensão do papel da mulher na sociedade. Meus pais tinham pouca escolaridade. Ambos estudaram até a terceira série na época, e minha mãe permaneceu em casa, uma mulher realizava as atividades domésticas, fazendo o trabalho em casa, criando quatro filhos.

Eu tinha uma prima, por parte de minha mãe, que era professora da rede pública municipal de ensino de Joinville, na década entre as décadas de 1970 e 1980. Ela se separou. Imagina isso para aquela época. Era uma mulher emancipada, autônoma, e penso que quando ouvi a história dessa prima da minha mãe, tudo foi me cativando. Professora tinha um ótimo salário, não era dependente financeiramente e possuía autonomia. Hoje penso que essa prima interferiu muito em meu desejo de ser professora. É, no meu imaginário e sempre falava que queria ser uma professora. Quando fui escolarizada, aos sete anos, porque não participei de Jardim de infância ou mesmo de educação infantil, entrei no primeiro ano e já entrei assim, sabe, deslumbrada com a escola. Fui uma criança que atendia muito bem os códigos da escola, porque gostava da escola.

Tinha assim um papel fundamental e aquelas professoras, eram excelentes... Enfim, ia me encontrar com as professoras. Com a professora prima, e tudo mais. E tive uma trajetória muito interessante, lá no terceiro ano, também encontrei uma professora, professora Claudir, que era um primor! Porque Não vou esquecer jamais o nome dela. Foi minha professora no terceiro, no quarto ano, depois lá na quinta série. Na época se falava a série, não ano como agora. Também foi minha professora de língua portuguesa. Ela teve uma influência muito grande nas minhas escolhas. Uma professora que tinha um repertório cultural, com músicas, textos, poesias. Imaginem, foi minha professora na terceira, quarta e na quinta série em língua portuguesa. Esta professora teve uma influência grande para mim.

E, quando pude, alfabetizei minha irmã, que era três anos mais nova do que eu, nós brincávamos de escolinha. São relatos de como fui me encantando pela escola, pela docência. E tinha meu pai, que me incentivava muito nas questões escolares e, também, minha mãe. Meu pai organizou uma salinha de aula para mim, com um quadro verde pequeno, comprou giz, apagador, e eu dava aula para minha irmã mais nova, adorava dar aula. A entrada na docência, ocorreu quando terminei o primeiro ano do ensino médio em uma escola pública. Quero ressaltar que sempre estudei em escola pública. O ensino fundamental foi em uma escola municipal em Joinville; o primeiro ano do ensino médio foi uma escola pública estadual aqui em Joinville e no segundo ano comecei a cursar o magistério, feliz da vida e quando terminei o magistério, em seguida eu tinha uns 17 anos, ingressei no curso de Pedagogia. Não existe universidade pública na área de humanas até hoje em Joinville, fui realizar esse curso em uma instituição particular muito séria na cidade, mas eu pagava as mensalidades. Posso dizer que fui uma estudante trabalhadora, que cursei o ensino médio trabalhando. Porque trabalhava durante o dia e estudava à noite.

Ao longo de minha trajetória, vivi essa situação, mas cursando o magistério com muita alegria e depois o curso de Pedagogia. Aos 17 anos, na época, o magistério, seguido do curso na Faculdade, que era de três anos. A instituição chamava-se Associação Catarinense de Ensino, localizada em Joinville, com muitos professores que vinham de Curitiba, da UFPR, e ministravam aulas no curso. Assim, aos 20 anos, eu já estava formada como pedagoga. Depois fiz uma especialização, para continuar na trajetória acadêmica, fiz uma especialização em Psicopedagogia. Nessa especialização senti falta de alguns conhecimentos no curso de Pedagogia, pois em três anos não era possível abranger a gama de conhecimentos necessários. E três anos ainda com habilitação, porque conclui pedagogia com habilitação em Orientação Educacional. De que conhecimentos senti falta? Conhecimentos relacionados ao processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças, porque vale dizer, que, em seguida comecei a lecionar com 18 anos, e senti muita falta desses conhecimentos. Assim, eu volto para prestar um novo vestibular nesta faculdade. Fiz o curso de bacharelado e licenciatura em Psicologia, porque eu achava que, como professora, já em sala de aula dos anos iniciais, precisava desses conhecimentos. Foi o curso de especialização que suscitou o desejo para o curso de Psicologia. E aí, o curso foi mais cinco anos. Quando termino esse curso, vou para o mestrado em Educação, na UNIVALI. E lá tive a felicidade de ter como orientadora a professora Luciane Maria Schlindwein, que é também uma companheira nossa na RIPEFOR e colega de departamento na UFSC. Luciane é pessoa que teve uma enorme influência na minha vida, porque quando chego no mestrado ela me insere no grupo de pesquisa que coordenava. Comecei neste grupo, que era de formação de professores, e a Luciane falando aquilo, reforçando o que eu já tinha ouvido na ACE pela professora Roselane Campos (minha professora no curso de graduação de Psicologia na disciplina de psicologia escolar), em que ela falava sobre a ANPEd, ANPEd Sul, mas foi a Luciane que me apresentou as associações de pesquisa e eventos correlacionados. Fui pela primeira vez para a ANPEd em 2002

e, no ano seguinte, para o ENDIPE. Depois que iniciei como associada da ANPED, em 2002, faz praticamente 20 anos que estou sistematicamente vinculada, sendo que nestas duas décadas nunca deixei de ir a nenhuma ANPEd. A ANPEd faz parte da minha vida. Eu sempre digo que a ANPEd nunca foi uma despesa para mim, mas sempre um investimento na minha formação acadêmico-científica.

Quando terminei o mestrado, na banca estava presente a professora Vera Placo, e ela fez a pergunta: você vai para o doutorado, né? E eu respondi: vou. Meu companheiro, meu marido estava lá, na sessão de defesa da dissertação, e ele se assustou, mas achou bem legal. Eu tinha certeza que continuaria minha trajetória de formação acadêmica. O mestrado terminou em setembro e já comecei a fazer o processo seletivo para o doutoramento e ingressei na PUC São Paulo, sendo recebida com acolhimento de meu projeto de pesquisa pela professora Marli André. Assim, ingresso na PUC São Paulo, em 2005. E na PUC SP comecei a participar de uma rede de pesquisa desde a entrada. Lá, o nome não era grupo de pesquisa, mas era Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento Profissional dos Professores, que inclusive, estava sendo criado justamente ali, neste ano, por Marli André, Bernadete Gatti, Vera Placco e Laurinda Ramalho, mas quem coordenava era Marli André e Vera Placco. Eu entro nesse Núcleo de Pesquisa em 2005 e participei até 2019, junto com a Marli, sendo que foi o último ano que ela coordenou esse grupo, em virtude de seu adoecimento. Terminei o meu doutoramento em 2008. Mesmo assim não deixava de ir uma vez por mês para São Paulo por conta própria, de ônibus ou de avião, para me encontrar com esse grupo, que foi muito contributivo para minha constituição identitária de pesquisadora, de me tornar professora universitária. Lembro com muita saudade dos nossos encontros, inclusive eu era a pessoa que organizava, enviava os e-mails, lembrava da agenda, postava os textos, ajudava a Marli. Marli dizia que fazíamos uma parceria, eu cuidava de toda essa parte da mídia, das comunicações, durante todos esses anos. Também fiz um pós-

doutoramento supervisionado pela Marli André na PUCSP, com bolsa do CNPq. Quero reforçar: no governo Lula, no governo do PT, nós tivemos boas possibilidades de bolsa, eu tive dois anos de bolsa para realizar minha pesquisa de pós-doutoramento. Enfim, essa é a minha trajetória de formação em pesquisa, uma formação inicial para a docência universitária.

Em relação à minha trajetória profissional, trabalhei durante cinco anos em empresas, no processo produtivo da tubos e conexões Tigre em Joinville, dos 14 aos 18 anos. Esse relato é meio inédito, porque tive um fato na família, muito complicado, perdi meu pai, praticamente com essa idade em que inicio a trabalhar. Tive que lutar pela vida, não é? Meu pai era o provedor da casa e minha mãe não trabalhava fora, e era aceitável na legislação que, aos 14 anos, se comesse a trabalhar. Então, minha carteira profissional foi assinada, assim que completo 14 anos. É nessa empresa que fiquei durante cinco anos. Saí da Tigre aos 18 anos para começar a trabalhar na docência, como professora substituta na rede estadual em escolas da periferia de Joinville. À época, não tinha concurso, isso era mais ou menos um ano de 1991, quando deixo a Tigre e não tinha, por exemplo, nenhuma oportunidade de concurso.

Quando trabalhava nessa escola estadual, conheci uma colega muito querida e ela trabalhava no estado e trabalhava na rede cenequista em Joinville, em rede particular comunitária. E ela falou: “Mas você tem que ir para a rede cenequista, você tem que trabalhar lá”. E eu fui para essa escola. Ela me indicou para a coordenadora. Fiz uma entrevista, a coordenadora gostou de mim e eu gostei muito da escola. Assim, começo a trabalhar na Escola Elias Moreira por seis anos, como professora dos anos iniciais. Desse modo, fui professora há muitos anos da terceira série na época, quarta série, essas foram as séries em que mais trabalhei. E, em seguida, fui convidada a trabalhar como orientadora educacional dentro de uma escola de educação profissional chamada Escola técnica Tupy, na época. Era uma escola

que ofertava o ensino médio, mas também a possibilidade para que os estudantes cursassem educação profissional e tecnológica. Nesse período eu cursava Psicologia.

Já no período em que estava no doutoramento, fui convidada a trabalhar no SENAI para fazer a implantação do ensino médio dessa instituição em Joinville, pela experiência acumulada que tinha, e atuei em toda a implantação da proposta em que o estudante tinha a possibilidade de cursar o ensino regular mais a educação profissional e tecnológica. Nessa instituição, permaneci por mais de seis anos. Em 2017, solicito minha demissão do SENAI e fico dedicada integralmente ao doutorado. No SENAI, tive flexibilidade para fazer o doutoramento em termos de viagem, de horários, repondo-os depois, mas realizar o doutoramento em tempo integral era meu desejo, era meu sonho, assim peço desligamento do SENAI, ainda que salário fosse muito significativo na época. Entrego-me de corpo e alma na PUCSP e novamente, sou muito grata à professora Marli André, que me chama e diz: "Nossa, você deixou um salário, né? Então, nós vamos tentar aqui na PUC pelo seu desempenho acadêmico, pelo seu compromisso, conseguir uma bolsa de estudos para você". Assim, me foi concedida uma bolsa da Capes. Não era muito, comparado ao meu salário, mas eu estava muito feliz. A bolsa me ajudou, porque tinha dedicação exclusiva e praticamente termino meu período de doutoramento, mais de um ano e meio estudando, participando de eventos, pesquisas, escrevendo a tese etc. Foi uma experiência muito significativa e penso que foi uma decisão acertada na minha vida. Contudo, nem bem estava terminando o meu doutoramento, a UNIVILLE, que é uma universidade comunitária da cidade de Joinville, fez contato para eu ingressar como professora. Trabalhei nove anos nessa universidade, como professora de estágio em Psicologia Escolar, no curso de Psicologia, na disciplina Psicologia escolar. Concomitante, também atuei com outras colegas, na elaboração, aprovação e implantação do mestrado acadêmico na instituição. Nós elaboramos um projeto junto com colegas,

conseguimos a aprovação e iniciamos o processo mestrado em Educação na UNIVILLE, o primeiro programa de mestrado em Educação na cidade. Aliás, ainda é o único de Joinville. Permaneci durante nove anos trabalhando na UNIVILLE. Em 2016, foi publicado um edital da UFSC, e ele chega às minhas mãos, para realizar um concurso para ser professora de Didática nos cursos de graduação.

Gostaria de registrar que todas as vezes que eu ia para ANPEd, desde 2002, para o ENDIPE, para EDUCERE, ANPEd-Sul, são eventos em que sempre participei, eventos que fazem parte de minha trajetória, nos quais nunca deixei de participar, e neles tive muita curiosidade pela didática: Vera Candau estava lá, Libâneo, Pura e Joana, Selma, Ilma, dentre outros/as estavam lá, assim também tinha uma inserção, uma fascinação pela didática. E aí quando vem esse concurso, falei: Puxa, eu tenho que realizar. Comprei sempre tantos livros, li tantos livros, tenho tanta experiência em escola, na época eram praticamente 19 anos, 20 na educação básica, como professora de anos iniciais, professora de anos finais, coordenadora de ensino médio com uma equipe de 60 professores, chegamos a quase 1000 estudantes em Joinville. Com essa reflexão, decidi: eu vou fazer esse concurso. Prestei o concurso e fui aprovada em primeiro lugar. Foi tudo muito rápido. Deixei a UNIVILLE porque teria que ingressar na UFSC, e no dia 8 de março, Dia da Mulher, em 2017, tomo posse e assumo a UFSC. No dia anterior, fiz meu desligamento da UNIVILLE, tudo acertado, tudo casado, muito orquestrado o processo. A UNIVILLE foi muito gentil comigo, foi tudo muito tranquilo. Assim começo a trabalhar na UFSC. Nesse momento não há na instituição um grupo de pesquisa sobre formação de professores e práticas de ensino, porque colegas maravilhosas dessa área elas tinham se aposentado, como a professora Leda Scheibe, a professora Vera Bazzo. Com mais algumas colegas que estavam ingressando na instituição, criamos o grupo de estudos e pesquisas de formação de professores e práticas de ensino que começou a funcionar em 2018. Coordeno esse grupo desde a sua criação. Também só para frisar, desde 2002, como já pontuei,

participo da ANPED. Durante um tempo fiz parte do GT 20, da Psicologia da Educação, mas a partir de 2005, fui para o GT de formação, porque as minhas pesquisas, desde o mestrado, são todas nesse campo. Nesse GT da formação de professores fui bem acolhida. inclusive, na época era Joana, a coordenadora. Se eu não estou enganada, foi ela quem me acolheu nesse GT 8, que mora no meu coração. Os colegas que lá estão são um grupo coeso e acolhedor. Já fui coordenadora do GT 8 e vice- coordenadora. Todas essas experiências foram muito importantes para mim no sentido do meu desenvolvimento profissional. Nesse momento estou também como vice-presidente da Região Sul da ANFOPE, minha participação na ANFOPE é mais recente, ela começa em 2017, quando ingressei na UFSC, com Vera Bazzo e Leda Scheibe. Eu participava da ANFOPE, mas não era associada, até porque tinha muita dificuldade de conseguir fazer a minha associação. Era um processo diferente, consegui a partir de 2017. A ANFOPE é um movimento de que eu gosto demais, tenho uma participação devido à minha energia de luta e militância. Também é bem importante dizer que participo hoje como membro da RIPEFOR, a nossa rede de formação de professores e práticas de ensino e penso que, pelo menos desde 2006 que nós nos encontramos nesta rede. Em 2012, nós formalizamos um termo de cooperação entre os grupos de pesquisa e as instituições. A rede existia, realizando nossos encontros mais “informais”, não é? Digo informais, porque não tínhamos esse termo de cooperação constituído.

Os destaques sobre quais as motivações que me levaram para essa área de formação, penso que por ter trabalhado na educação básica por 20 anos como professora, sentia necessidade de ampliar aspectos para a minha formação, como disse no início dessa fala. Por isso, lia muitos autores importantes da didática, participava de momentos de formação continuada, sábado, domingo e à noite. É com aquela minha juventude. Eu queria aprender e estar em um grupo de estudo. No coletivo. Troca de saberes, troca com os professores. Sempre fui

uma professora que teve muita ânsia, sim, de ler, de estudar, de trocar, de escutar palestras, escutar as pessoas. O processo de formação sempre esteve presente para mim, pois quando me deparei como coordenadora e orientadora educacional, refleti como os professores precisam. A questão da formação continuada é uma temática central, foi entrando na minha vida dessa forma, pela minha trajetória, pelas minhas necessidades formativas, mas também ao perceber as necessidades formativas dos meus colegas professores nas escolas de educação profissional. Mais do que nunca, porque me deparei com muitos professores, engenheiros, professores de outras áreas que não tinham nenhum conhecimento pedagógico na sua formação de professor no ensino superior. E aí nós também preparávamos, por meio das suas solicitações temáticas que eram importantes. Vamos deixar claro isso, porque eu participei tanto no Colégio Cenecista quanto na Escola Técnica Tupy, hoje organizando formação continuada para os professores, de acordo com as solicitações, com as demandas desses professores. Assim, a formação continuada sempre esteve muito presente para mim. É o meu grande interesse, tanto pela formação inicial, obviamente, mas também pela formação continuada. Então, eu penso que na questão sobre a trajetória é isso, Joana, não sei se tem alguma questão.

Entrevistadora: Muito, bonita a sua trajetória e, de fato, tem um tempo longo. Desde que você está no doutorado com a professora, Marli André, nós estamos convivendo, e eu acompanho a sua trajetória. Antes disse que não sabia da sua história por inteiro, mas sabia um pedaço dela. Como disse, é uma história muito bonita, em que expressa a classe trabalhadora que busca o seu processo de formação sempre articulada à prática profissional. O trabalho com a prática acadêmica, com o processo de formação acadêmica. É essa perspectiva, de que ao mesmo tempo, penaliza o trabalhador, porque ele tem a sua jornada de trabalho e a jornada de formação, tudo se torna uma jornada intensa: trabalhando ao mesmo tempo com sua formação acadêmica e a prática profissional. Mas ela é muito

enriquecedora, no sentido de que você tem reflexões muito densas. A identidade para a pesquisa é marcada por essas perspectivas e tem também um viés, que é consolidado nessa prática, que lhe permite fazer essa relação, tão preciosa para nós nas discussões da área da educação e na área da formação de professores, ela é tensa e permanente, que é a relação teoria e prática. Por que está tão envolvido no processo? Você, desenvolve sua formação teórica, mas está ao mesmo tempo exercendo a prática, e isso consolida nessa perspectiva que você não vê uma disjunção entre a teoria e a prática, porque exatamente compreende essa perspectiva de interação. Porque tudo aquilo que você está vivendo na academia, acaba transportando para o seu trabalho e aquilo que você está vivendo no seu trabalho, transporta também para academia, não é? Isso torna essa relação muito densa e faz com que as pesquisas desenvolvidas contenham sempre essa lida. Elas têm essa relação: você não abre mão, nunca faz discussões teóricas, a teoria passa ser de fato uma análise densa nessa prática, pois a prática está presente nas discussões que se fazem quando estabelecemos as discussões teóricas. Você não consegue dissociar exatamente pela riqueza desse processo da vida. Acrescento que fico muito feliz de conhecê-la mais, porque estamos nessa parceria há muito tempo, não é Márcia? Trabalhando juntas. Para que a gente possa otimizar o tempo, vamos passar à segunda. Evidente que eu gostaria muito de entrar em mais detalhes e conversar mais, pois é muito intensa essa perspectiva pessoal, que embora nós tenhamos uma convivência longa, eu tinha sabido pouco da sua história pessoal. Agora posso dizer que a conheço mais.

Nessa perspectiva, é a segunda questão que nós estamos colocando e você já até respondeu, parte dela, não é? É, nessa sua experiência marcante, você poderia falar um pouco mais sobre as pesquisas que desenvolve, em formação continuada. Porque você falou da sua formação, da sua trajetória profissional, mas, no campo da pesquisa,

o que tem priorizado, desenvolvido em relação à formação continuada.

Márcia Hobold: Organizei um pouco essa questão - dentre os meus orientandos, quem que esteve mais envolvido com pesquisas no âmbito da formação continuada: uma orientação na UNIVILLE, Valdicléia Machado da Silva, com o título "Ações de formação continuada, necessidades formativas e fontes de aprendizagem dos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental", as orientandas Mônica e Karina, que discutem sobre o desenvolvimento profissional dos professores, uma dos anos finais, outra dos anos iniciais. No grupo de pesquisa tínhamos como objetivo realizar pesquisas mais amplas, na perspectiva de continuidade, em que uma pesquisa dava continuidade a anterior, com uma concepção de investigações orgânicas, para continuar mais detalhadamente o estudo sobre temática específica, de determinado conhecimento. Mais recentemente, Sílvia Guesser realizou uma pesquisa de mestrado interessante sobre hora-atividade dos professores dos anos iniciais, contributos para a formação continuada; Juliana, que foi também minha mestranda na UFCS, fez uma pesquisa maravilhosa chamada "Formação continuada, *stricto sensu*: mestres e doutores da rede municipal de educação de Florianópolis", na qual dialoga com professores que cursaram o mestrado e o doutorado, por meio de licença remunerada pela Rede Pública Municipal de Ensino de Florianópolis. Agora neste ano, em agosto, chegou uma orientanda interessada no estudo intitulado "Professores dos componentes curriculares eletivos do novo ensino médio: um olhar sobre a formação continuada da rede pública estadual de Santa Catarina". E no doutorado encerrei a orientação de uma, agora Doutora, a Cristiane, que realizou sua tese sobre a constituição da aprendizagem docente na educação profissional e tecnológica, desafios e dilemas, em que vai mostrando como essa constituição da aprendizagem precisa de muita formação continuada e de conhecimentos específicos e pedagógicos. A pesquisa foi feita no Instituto Federal de

Santa Catarina. Esses apontamentos permitem expressar rapidamente o que temos pesquisado em formação continuada.

Além dessas pesquisas que eu orientei, acho que vale a pena relatar que no tempo em que estive na PUC de São Paulo, nós participamos em alguns editais de pesquisa com financiamento, desde o universal, e lá nós realizamos pesquisas com o professor formador, também com estudantes das licenciaturas, de forma geral, estudantes egressos das licenciaturas, pelo menos quatro projetos. Essas pesquisas, apesar de serem com estudantes, em formação inicial, já sinalizavam para nós muitas questões importantes para serem pensadas na ideia de uma formação continuada como continuação da formação inicial, conforme apregoado pela Resolução 02/2015 que, infelizmente, de forma antidemocrática foi revogada durante o atual governo. Essa Resolução (02/2015) propunha normativa para a formação inicial, mas incluía também a necessidade de que as instituições formadoras elaborassem um projeto institucional de formação inicial e continuada de professores, nessa ideia realmente de continuidade. Essas pesquisas também me ajudaram muito a compreender o processo de formação de professores. Nós não estudávamos especificamente as políticas de formação de professores na PUC-SP, mas, fortemente, os processos, que circunstanciavam as práticas formativas. Destaco que tenho me dedicado a estudar políticas de formação de professores, mais especificamente, depois que ingressei na UFSC. Neste caso, sou grata à minha trajetória na PUC, com Marli André, porque estudávamos os processos de formação, a sala de aula, as práticas da sala de aula, conversávamos com formadores, tivemos muitos grupos de discussão com estudantes, tanto aqueles que estavam no último ano de curso, ou no início da formação, como egressos dos cursos de licenciatura.

Em relação a essas pesquisas que orientei, vou fazer uma síntese das descobertas que nós tivemos: (i) dificilmente os professores são

consultados sobre as suas necessidades formativas; (ii) são as coordenações de Secretaria que atendem os institutos e as fundações para a compra de pacotes de cursos. Essas instituições enriquecem ~~muito~~ com o dinheiro público, ou seja, um desvio de dinheiro público para o espaço privado, pela venda de pacotes de formação continuada e os professores são submetidos a essas formações que muitas vezes não se relacionam com suas necessidades formativas; (iii) nas pesquisas sempre ouvimos os professores, porque nós entrevistamos ~~muitos~~ professores, e eles narravam seu profundo desgosto de terem que cursar essas formações tão distantes da realidade deles, das necessidades formativas de seu interesse; (iv) posso dizer que uma das necessidades formativas dos professores se concentrava na área das tecnologias. Os professores sempre falaram dessa necessidade de conhecimentos para mexer com as tecnologias; (v) outra demanda se refere ao trabalho com estudantes com deficiência na perspectiva da inclusão; (vi) também pela necessidade de práticas de ensino diferenciadas; (vii) ainda a questão da avaliação, não só a prática de ensino de como você ensina com estratégias diferenciadas da sala de aula, mas também estratégias diferenciadas de avaliação; (viii) professores sempre solicitam que tivesse espaço de troca de saberes entre eles, necessitavam e gostariam desses espaços que são muito pouco ofertados pelas redes de ensino. Espaços que sejam pensados, como indica Marcelo Garcia, com uma intencionalidade, um planejamento, para os professores realmente realizarem essa troca de saberes entre si. E nós também constatamos, pelas nossas pesquisas, uma desconsideração total das condições objetivas e subjetivas do trabalho desses profissionais da educação. Nessa direção, Denise Souza vai explicitar, em um texto primoroso (Souza, Denise Trento Rebello de. Formação continuada de professores e fracasso escolar: problematizando o argumento da incompetência. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 32, p. 477-492, 2006) que o professor é culpabilizado pelo fracasso da escola e das práticas de ensino, mesmo não existindo laboratório adequado para os experimentos com os estudantes, geralmente sem pipeta,

sem reagente químico, não existe uma biblioteca bem organizada, bem constituída em termos de um acervo bibliográfico, com uma pessoa especializada na área da biblioteconomia para atender os estudantes, não há uma quadra para prática de esportes com espaço e em local adequado (que não seja grudada às salas de aula). A condição é extremamente precária, desde os espaços extremamente barulhentos nas salas de aulas, sem equipamentos, sem mobiliário adequado, sem acesso às tecnologias digitais. Ou seja, condições objetivas para o desenvolvimento de uma boa prática pedagógica; (ix) e, mais, professores não têm um contrato de trabalho digno. Cada vez mais estão precarizados os seus contratos de trabalho. Não se tem concurso. E ainda, você é um professor que tem que correr de uma escola para outra, sem um cargo efetivo na rede; (x) os professores se sentem e assumem a narrativa de culpados pelas mazelas da educação. Denise retoma o livro de Maria Helena Souza Pato sobre o fracasso escolar. E discute este conceito de como o fracasso escolar também atinge o fazer pedagógico dos professores. Mais que isso: eles vão dizer, eu preciso de formação continuada, eu perdi, preciso e pode vir o “pacote”, podem vir os institutos, as fundações. E as fundações realizam uma “massagem cerebral para esses professores na hora”, algo mirabolante, uma versão carregada de pirotecnia montada com recurso público que deveriam ir para às escolas. As propostas chegam com tudo, com estratégias de venda e, durante a formação/evento, parece que massageia o ego e a mente do professor, uma pirotecnia maravilhosa, mas depois não se tem muita efetividade, pois a realidade da escola é bem diferente. Mas, neste caso, após o “processo de formação”, os empresários da educação foram embora com os bolsos bem cheios.

E outra questão me deparei com os meus orientandos é compreender a formação continuada na perspectiva de que lugar fala o professor, por exemplo, nós chegávamos pelas entrevistas, pelos questionários, aos dados que os professores querem prática, prática, prática. Eles não querem teoria, eles querem prática. É tão forte esta narrativa dos

professores em relação à prática. E aí nós paramos. Eu comecei a dizer aos estudantes: Vamos analisar a floresta, não só a árvore? Como dizia Marx e Engels: Que cidade é essa? Que produz? Nos deparamos com Joinville, uma cidade extremamente industrial, uma cidade conservadora, qual é a cultura dessa cidade? Uma cidade na qual a cultura da questão da prática é muito forte? Tem uma cultura nesta cidade e começamos a levantar dados desta cidade. Dados de quem são, qual é a escolaridade dessa população, como é e por quem é realizada a formação de professores, para poder entender a cultura desse espaço, porque você precisa destes indicadores. Esses dados, essas necessidades recorrentes desses professores são fundamentais para entender os encaminhamentos possíveis para a formação continuada.

Quando iniciei minhas orientações, em 2011, há 11 anos eu me deparei com um cenário em formação continuada que os professores só diziam prática, prática. Sei que em muitos locais isso também não é diferente, mas fui entender um pouco o que contexto dessa rede de educação. Quais ofertas de cursos de formação continuada? Inclusive, fizemos um levantamento histórico dessa formação continuada da rede para entender a cultura instituída nesta cidade. Creio que dados foram os que mais nos chamaram a atenção.

Entrevistadora: Muito bom, Márcia, ter colocado em pauta essas questões. Obrigada. Essas considerações são fundamentais, pois percebe-se que há uma relação direta entre as políticas educacionais e os programas de formação continuada. E quando você traz aqui essa discussão, da culpabilização, das mazelas da educação em relação ao professor envolve o entendimento da relação entre formação continuada e o debate em torno do capital humano, centrando a discussão que a formação vai dar conta de todos os problemas educacionais, ou seja, um professor que vai dar aula embaixo de uma árvore supera a falta de condições objetivas de trabalho. Isso é um ponto muito forte nas discussões da formação de

professores. Aquele professor que, embaixo de uma árvore, sem nenhum recurso, consegue fazer com que seus alunos sejam brilhantes, como o ideal educativo. Essas premissas estão colocadas nas políticas neoliberais, apesar de todas as mazelas existentes, como se a educação dependesse somente das competências dos docentes.

Márcia Hobold: Perfeito, Joana, esse sentido de incompetência que estás falando agora, é que é o que a Denise Souza argumenta no texto, o professor assume essa incompetência, realmente é um projeto orquestrado, não é? Não é por um acaso, que a mídia bate tanto no professor e aí, por exemplo, as avaliações censitárias, né? A divulgação dessas informações, desses resultados, os ranqueamentos e o professor vai dizendo não, eu não dou conta. E ele não tem as condições de trabalho, nem objetivas, nem subjetivas, mas ele é colocado em uma situação de extremo desgosto e aceitação, de conformismo, de culpa. E tem que correr atrás, corre atrás de pacotes de especializações vendidas a preço baixo, sem conseguir desenvolver uma boa formação. Essa ideia do capital humano é uma ideia forte na educação. E, para mim, é uma ideia que também vem para abrir flancos, não é? Faz aberturas, vamos dizer assim, para esses empresários da educação vendam esses pacotes de formação continuada. Eu sou ruim? Eu não estou dando conta da minha prática docente? O índice da avaliação externa está baixíssimo, então o problema é meu, e vamos lá, pois tenho que me formar e vai gastando suas energias, seus recursos financeiros que são poucos.

Entrevistadora: Exato. No bojo dessas ponderações se inserem as atuais políticas públicas de pouco investimento em educação. Uma conjuntura que está agudizada, foi alijada de recursos, uma diminuição acentuada de orçamento para a educação. Há mais apoio aos programas de formação docente, houve corte significativo de bolsas aos professores. Os professores tinham essa possibilidade, mas nesse momento elas estão sendo solapadas cada vez mais. Como é que você vê a existência de alguma retomada? Alguma

possibilidade de fortalecimento da categoria docente? Estamos vivendo, por exemplo, o desmonte dos sindicatos, o desmonte das organizações sociais, a desvalorização da categoria docente. O aumento do número de professores em contratos temporários. Tem alguma possibilidade? Como rearticular, no sentido de fortalecer a categoria?

Márcia Hobold: Essa é pergunta bem desafiadora, mas costumo dizer que sou otimista, estou agora essa semana mais otimista, depois da vitória de Lula. Porque nós, da Educação, que já passamos pelo governo Lula sabemos os investimentos todos que tivemos na educação, inclusive na formação continuada, como alguns projetos muito importantes por iniciativa do governo federal. Vou pegar esse último ponto que você fala da sindicalização, não é, Joana, um dia desses eu conversava com um doutorando. Eu perguntei para ele: como é que está a questão da sindicalização na sua rede municipal? E ele disse assim: “olha, professora, a situação está terrível, porque, porque nós estamos com um número altíssimo de professores contratados, nós estamos com quase 50% dos professores contratados na nossa rede de ensino, professor contratado não se filia a sindicato, por vários motivos, inclusive o financeiro. A taxa de sindicalização é uma questão, sendo que ele às vezes fica pouco tempo nesta rede. Ele está muito ocupado com as tantas demandas de trabalho e de sobrevivência. Ele fica três meses, seis meses contratado. É uma energia grande que precisa gastar para conhecer essa comunidade, essa escola, essa cultura. Assim, a sindicalização fica prejudicada pelas exigências do trabalho. Nós precisamos compreender como o sistema neoliberal tem atingido os professores. Neste caso, o professor com quem falei é concursado há anos nessa rede e é ativo em seu sindicato. Nesse caso, considero que a constituição da coletividade dos docentes no Brasil é um desafio, mas que estamos nos fortalecendo”. Diante deste cenário difícil que temos passado na educação durante este governo, temos aprendido a nos reaproximar e nos fortalecer nos espaços coletivos e de militância,

pelos nossos direitos e para a educação de nossos estudantes. Um exemplo que posso explicitar é da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - ANFOPE, em que passamos de praticamente 200 associados no início desta crise, lá em 2019, para praticamente 600 associados neste momento. É uma associação que comporta professores de educação básica, ensino superior, profissionais da educação, supervisores, diretores, estudantes e isso mostra uma certa tendência desse espírito coletivo para enfrentar esses momentos tão áridos que eu espero que terminem no final deste ano. Assim, em termos de financiamento, nós vamos mudar. Talvez estejamos esperando por mudanças tão rápidas em pouco tempo, mas pelo menos o respeito, nós voltaremos a ter o devido respeito, precisa reconquistar o respeito como profissionais da educação.

Em relação à legislação no país, por exemplo, nós tivemos a revogação da Resolução 02/2015, e a implementação autoria da Resolução 02/2019 sobre a formação inicial de professores e, em seguida, em 2020, a Resolução 01/2020, para a formação continuada de professores. Uma concepção autoritária, de padronização, em um processo de execução das diretrizes da BNCC, centrada em competências e direcionada para a prática. Não se direcionam para a formação pautada na epistemologia da práxis da formação e do trabalho do professor, como propõe Katia Curado, para autonomia, para a reflexão, para a artesanaria da docência, para a criatividade, estética, arte etc. Essas proposições foram praticamente removidas dessas resoluções para proposições de um professor executor. As discussões de Eneida Shiroma e Olinda Evangelista apontam para que vivem em um contexto que emerge com estas Resoluções, a da desintelectualização do professor. É uma exacerbação de um prático, um prático executor operacional. A perspectiva é de que possamos revogar as Resoluções 02/2019 e 01/2020 e esperamos que o próximo governo, de forma democrática, dialogue com associações, com as entidades, os fóruns constituídos, como, por exemplo, o

Fórum Nacional Popular de Educação – FNPE, que organizou a nossa Conferência Nacional Popular de Educação – CONAPE, que ocorreu em Natal, que, coletivamente elaborou uma “Carta aberta de orientação ao voto pela educação, pelo Brasil: diretrizes para a ampliação e consolidação da bancada da educação em todas as esferas de governo”, que de forma explícita sinaliza para 41 ações necessárias para balizar os trabalhos e a perspectiva de retomada à área da Educação, para que possamos reconstruir, essas normativas legais na perspectiva da concepção práxis. Um espaço mais dialogado com os profissionais da educação e menos com empresários das bolsas de valores que saqueiam a área.

Ainda, em relação à formação, tem um autor de que gosto muito, que eu estudei mais recentemente, o Lício Lima, que, em seu livro, “Aprender para ganhar, conhecer, para competir: sobre a subordinação da educação na sociedade da aprendizagem”, apresenta uma boa reflexão sobre essa sociedade consumista de pacotes de formação. Além disso, defendo também os espaços da universidade no processo de formação continuada de professores. Pergunto se somente a formação na escola, por meio de troca de saberes seria suficiente para o processo de formação continuada dos professores? Eu digo: não é. É um dos momentos. É fundamental, que saímos de nossas instituições educativas (escolas) para irmos à universidade, um espaço, de territorial geográfico diferente, discutir também nesse espaço, longe da escola, de diretor, de gestor, dos colegas das secretarias de educação, para pensar sobre o seu processo de trabalho, é um diferencial que nós não podemos menosprezar.

E aí gosto muito de um artigo publicado em 2019 da Maria Célia Marcondes, infelizmente já falecida, em que ela faz uma forte crítica sobre alguns autores internacionais em relação a esse conceito de exacerbação da prática, como se ela resolvesse as questões, uma prática talvez tomada no país de forma extremamente equivocada. O

texto fala de autores estrangeiros que defendem enfaticamente a prática, inclusive trazendo o modelo da residência médica como algo que resolveria a formação de professores. Essas questões na formação inicial centradas muito nesse espaço de formação na prática. Nesse texto, ela trata de autores de outros países que foram (e são) extremamente exaltados, alguns que estiveram no Ministério da Educação e em universidades brasileiras, com uma exacerbação de uma prática como se ela resolvesse as questões. Como se as questões da prática, somente a prática, ou seja, a troca de saberes na escola, troca entre os professores, resolvessem as questões objetivas e subjetivas de trabalho dos professores. Nós sabemos da precariedade das nossas escolas. Nós sabemos da precariedade de contrato de professores. Desse modo, penso que precisamos ter muita cautela ao tomar como referência autores de outros países que têm outra forma de trabalho e outras questões resolvidas que nós não temos aqui no Brasil, eu sou uma defensora de que a gente precisa estudar para além de nossas ações. Temos práticas ótimas, e precisamos pensar em práticas formativas, considerando a realidade do nosso país. Isso assusta muito: a gente é colonizado, né? Quando eu fui para o UFSC, fui compreendendo: engolimos esses autores europeus, norteamericanos, como se eles fossem ótimos para nós, vamos tomando esses autores sem pensar em que realidade objetiva a que vivem em outros países. E, mais do que nunca, não por acaso que alguns normativos legais trazem evidências de casos exitosos que são de outros países de outras realidades, como a Austrália, Chile, Estados Unidos etc. O parecer da Resolução 02/2019, por exemplo, se refere a estes países, mas não se busca, por exemplo, conhecer quais são as realidades que nós trabalhamos e melhorá-las.

E a precarização, com as quais nós nos deparamos, diariamente, no cotidiano das nossas escolas e do contrato de professores. Gostaria de chamar atenção para isso também, o cuidado que devemos ter. E de uma retomada de diálogo com essas instâncias do governo para pensarmos em políticas públicas, que estejam mais próximas, uma

atenção para esta base, para dialogar com os professores da educação básica e para dialogar com os professores de universidade, com as associações. Por exemplo, a ANFOPE, que desde a década de 1980, temos professores na militância, pesquisando, estudando os processos de formação inicial e continuada de professores e de profissionais da educação aqui no Brasil. Por que não podem ser evidências, por que não podem ser referências? Não há diálogo. Por que temos que buscar autores internacionais para definir as regulamentações com base em uma realidade que não é a nossa? Essas questões me angustiam bastante e tenho refletido muito sobre isso, ou seja, que projeto de educação está em voga em nosso país. Que projeto é esse? As reflexões que me ajudam sempre são as da professora Helena Freitas. Ela tem um texto de 2002, que favorece entender melhor essa questão de como organismos internacionais atuam no Brasil. E um outro texto, que gosto demais, é da professora da Olgaíses Cabral Maués (2003). Trabalho esses textos na disciplina de formação de professores e ampliam a compreensão de como esses organismos estão infiltrados no país, de como é que eles vão ditando o que precisamos fazer. Na nossa concepção de formação inicial e continuada de professores, nos ajudam a fazer uma leitura de mundo diferenciada, como diz Paulo Freire. Precisamos de uma leitura diferenciada, para poder sair dessa ideia de senso comum para uma ideia mais epistêmica do campo da formação de professores. A leitura crítica surge quando é discutida coletivamente. É uma possibilidade de abertura, para que possamos desvelar essas situações e inverter um pouco o processo, deixarmos de buscar soluções tão imediatistas para a prática nas respostas do que fazer com um aluno em sala de aula, por exemplo, o que fazer com um aluno autista, mas, ao mesmo tempo, estar realizando com os professores essas discussões. O sistema de ensino contribui pouco em relação ao apoio necessário ao professor para atender essas especificidades, para inclusão, mas não se restringem a isso. É necessária uma leitura ampliada de mundo, uma leitura de contexto. Precisamos tensionar para que nossas escolas realmente atuem com

a inclusão. Nesse ponto, a ampliação, inclusive dos sindicatos, porque quando eu percebo que, como professora, não tenho as condições que eu deveria ter e que meus estudantes deveriam ter, viro um sujeito brigão, naquele sentido do Paulo Freire, da amorosidade brigona, que vou atrás, vou à luta, me sindicalizo, porque vou na minha rede de ensino e vou exigir recursos. Eu não fico com a ideia de passividade: eu sou culpada disso. O problema é meu, mas é nosso aqui da escola, eu me torno realmente uma pessoa que compreende que está faltando recurso, que está faltando uma política pública, que está faltando financiamento, para que possamos melhorar. A minha escola, meus colegas, nos unimos para trabalhar coletivamente para atender à necessidade dos estudantes, que é uma necessidade especial no processo educativo. Então, saímos da passividade. É isso que o Paulo Freire sempre vai nos dizer, que é preciso fazer essa tomada de consciência. Quando não fazemos a dita tomada de consciência, a gente não luta, não briga. Dessa forma, para que se possa melhorar as condições de trabalho na educação o esclarecimento político e contextual é fundamental.

Entrevistadora: Muito obrigada, Márcia. Nós já nos alongamos. Estamos aqui conversando há uma hora e meia, e só podemos agradecer a sua contribuição. Em seguida, faremos a transcrição. Depois lhe enviamos novamente, para que você possa ler e fazer os ajustes que considerar necessários. Ainda vamos lhe incomodar um pouco, nós vamos lhe dar trabalho para você fazer os apontamentos que achar necessários no encaminhamento do texto escrito. Contudo, queremos agradecer em nome da editora da revista Educação e Emancipação, professora Lélia. Queremos lhe agradecer a sua participação, sua generosidade de estar aqui conosco. Pessoalmente, lhe agradeço muito por conhecer mais a sua história e o seu pensamento. Sua história pessoal é uma história linda, das pessoas que diante das diferentes barreiras ao longo da vida, buscam uma solução, não só para sua vida, mas sempre nesse coletivo de melhoria da situação para todos, não só para si, mas para todos, que é grande

diferença do pensamento burguês que busca a solução só para si, para seu sucesso, mas não está preocupado com a transformação do conjunto da sociedade. Eu me transformo, mas transformo junto à sociedade, numa perspectiva de Freire, desse coletivo que juntos, se fortalecem e se transformam. Eu sei da sua generosidade, da sua solidariedade ao mesmo tempo, da sua disponibilidade em participar desse movimento coletivo: na ANPED, ANFOPE, na sua universidade, própria rede RIPEFOR que nós trabalhamos. Você é sempre disponível e ajuda a construir uma transformação social coletiva. Muito obrigada.

Márcia Hobold: Sou eu quem agradece Joana. Muito obrigada a você, por quem tenho um carinho muito especial, bem como também a todas as colegas. Obrigada por esta oportunidade.

Entrevistadora: Obrigada, tenha um bom dia. Um bom final de semana.

Entrevistada Márcia: Obrigada, querida, para você também. Tchau, tchau.

Entrevista concedida à Revista Educação e Emancipação em outubro de 2022, realizada por Joana Paulin Romanowski (UNINTER, Brasil)